

# Criticando na chuva

Por Juremir Machado da Silva\*

Ao cair da noite, um jovem *branché* (conectado com as tendências *cults* do seu tempo *radical-chip*) entra num bar com a *Folha de S.Paulo* embaixo do braço. Senta-se e expõe o jornal sobre a mesa. Da cabeça aos pés, o nosso homem transpira intelectualismo e moda. Curiosa e perfeita associação de contrários que raramente se separam. Na mesa ao lado, um remanescente dos anos 60 ou 70 bebe uma cerveja morna. Alguns minutos depois, outro garoto, com a *Folha de S.Paulo* sob a axila esquerda, entra no bar e senta-se junto ao primeiro. O modesto dinossauro observa-os entre admirado, entediado e desdenhoso. Por fim, um terceiro rapaz, impecavelmente *in*, acompanhado da inevitável *Folha de S.Paulo*, vem ao encontro dos dois outros.

Belo quadro, extraordinária simbiose, pertinente cena de um tempo. Brasil fim de século. Os meninos são bonitos, sem qualquer exagero, informados, de acordo com a fonte legitimada, e apostam nas delícias da aparência. Mudar a mudança, suspiram. Algum despeitado, possivelmente o vizinho *voyeur*, poderia considerá-los três clones de um original perdido, mas em voga. Vestem a mesma marca, a mesma cor, a mesma tonalidade. Fumam o mesmo cigarro. Falam os mesmos termos. Pregam a mesma utopia. Repetem os mesmos gestos.

Os três não demoram a mergulhar num tema apaixonante: cinema e mídia. Ultrapassada a fase banal da crítica tardia ao sucesso do melodramático *Titanic*, atacam com o mesmo entusiasmo os excessos da mídia na cobertura do fiasco brasileiro na França e o espaço que receberá o nascimento do filho da Xuxa na imprensa. Sobra também, apesar de não conter qualquer novidade, para a Carla Perez e os concursos para escolher a bunda do povo. Em certo momento, um deles exclama:

- Nada me irrita mais do que a uniformização cultural imposta pela globalização capitalista.
- O cinema é a maior vítima disso - exclama outro.
- A mídia ainda mais - completa o último.
- A diversidade é uma espécie em extinção - diz o primeiro.
- Salvo entre os que conseguem pensar - corrige o segundo.

A noite avança, as cervejas sucedem-se, o assunto ganha exemplos intermináveis e categóricos. Mais uma vez, a revolução estética passa por um bar brasileiro. Pela meia-noite, os três resolvem migrar para o *point* de todos os riscos, luxos e expectativas. Já na chegada, perdem o tino com o impressionante bumbum de uma loura terrivelmente sofisticada, réplica de pelo menos mais 50 que inundam o lugar. Está aberta a temporada de caça. O primeiro discorre sobre os efeitos nefastos da crítica cultural. O segundo decifra semiologicamente a campanha do PT para a presidência da República. O terceiro explica a teoria do cinema para o próximo milênio. A moça adora-os e vai mais longe: replica com Barthes, Tarantino, Pierre Lévy, Ronaldinho, Baudrillard, Derrida, Pierce e mais três dúzias de nomes incontestáveis, inclusive quatro especialistas da *Folha de S.Paulo*.

Está no papo. A luta será interna. Na hora em que cães e lobos se tornam um só, aparece um tipo poderoso, de olhos azuis deslumbrantes, pele morena de sedução, falando um inglês afiado em Manhatann e carregando no corpo vertiginoso todos os símbolos do chique e do choque. A garota cai de joelho. Deserção absoluta e sem direito a recurso. Apenas sorri ao escutar a última frase dos eternamente novos amigos:

- Um cinema que conteste a uniformização dos gostos e costumes...

Faz parte do jogo. O primeiro desiludido pega o seu indestrutível exemplar da *Folha* e vai ao banheiro. Instala-se e fica absorto contemplando uma foto de... Carla Perez. O segundo tenta mais duas vezes uma jogada excepcional e bate em retirada, de carona com um cineasta genial em busca de dinheiro para o seu próximo curta digital. Esquece a *Folha* na mesa. O terceiro fica por ali, preocupado com a conta, incapaz de tomar uma decisão, rindo sozinho daqueles "panacas" tão interessados em aparecer. Quase ao amanhecer, sai para a rua e recebe uma pancada de chuva no rosto febril. Cobre a cabeça com a *Folha* e corre até o táxi. Retorna ao primeiro bar. Senta-se, inadvertidamente, com o estratosférico dinossauro do início da noite, o qual cita Che Guevara vinte e cinco vezes em trinta e cinco minutos:

- Meu sonho é fazer um curta sobre os Sem-Terra e lançar um livro pela "Companhia" com o roteiro - balbucia este.

- Com outra linguagem - entusiasma-se o recém-chegado.

- Contra todos os clichês - insiste o primeiro.

- Uma nova *Nouvelle Vague* - persiste o segundo.

- Um novo Cinema Novo - grita o do passado.

- Uma Escola do Dogma contra os dogmas reacionários e o mercantilismo de Hollywood e da Globo - urra o do futuro.

- Uma nova modernidade contra a pós-modernidade neoliberal - profetiza o da revolução.

- Uma pós-pós-modernidade contra as falácias da crítica pré-moderna - sintetiza o da pós-estética.

- Abaixo o Galvão Bueno - intromete-se um bêbado "mala".

A chuva bate agora com violência contra os vidros da janela da rua. Os dois olham-se com alguma inquietude. O garçom anuncia-lhes a "saideira". Quando pisam na calçada transformada em rio caudaloso, o garoto *branché* tem uma iluminação:

- Precisamos de algo muito original.

- Tenho o título - responde-lhe o outro: *Critizando na Chuva*.

Por um segundo, ficam imóveis, congelados, afundados num úmido mal-entendido compreensivo ontológico e antológico. Frágeis, suportam o mundo nos ombros sem a poesia férrea de Drummond nem a garra da defesa da França. Mais parecem a Noruega sem Flo. Não confessam, mas pensam em flores e em maio de 68. Depois, dividem a *Folha*, encolhem-se contra as paredes saturadas de existencialismo requeitado e tomam cada um o seu ônibus, protegidos pela estética da recepção e com os "olhos feito os olhos de uma rã".

---

\*Doutor em sociologia pela Paris V - Sorbonne  
Professor da FAMECOS - PUCRS